

## A FILOSOFIA DE DELEUZE A PARTIR DA IMANÊNCIA, DO ACONTECIMENTO E DO CONCEITO

**Carlos Henrique Machado<sup>1</sup>**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

 <https://orcid.org/0000-0003-0774-972X>

E-mail: [petrus166@gmail.com](mailto:petrus166@gmail.com)

### RESUMO:

Célebre por um tipo de filosofia que se caracteriza pelas linhas de fuga e pela desterritorialização de um pensamento nômade, Deleuze se reconhece como um filósofo sistemático. Como todo sistema, uma filosofia sistemática se define por um conjunto de elementos que se compõem e se alinham de modo a conferir a ele uma coerência. O presente artigo pretende demonstrar como o conjunto da filosofia de Deleuze confere uma organicidade e verosimilhança a seu sistema de pensamento a partir da articulação entre a imanência, o acontecimento e o conceito. Esta tríade atravessa todo o seu trabalho e irá caracterizar aquilo que Deleuze chama de heterogêneses; uma tentativa de fazer com que a filosofia se desprenda dos estados de coisas e vá na direção das intensidades, levando o pensamento ao limite e à máxima potência. Queremos demonstrar o modo como Deleuze opera em seu sistema de forma a associar e criar aproximações entre elementos mais ou menos heterogêneos, ora criando zonas de aproximação, ora provocando afastamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Deleuze; Sistema filosófico; Imanência; Acontecimento; Conceito.

## DELEUZE'S PHILOSOPHY BASED ON IMMANENCE, EVENT AND CONCEPT

### ABSTRACT:

Famous for a kind of philosophy that is characterized by lines of flight and the deterritorialization of nomadic thinking, Deleuze recognizes himself as a systematic philosopher. Like any system, a systematic philosophy is defined by a set of elements that are composed and aligned in order to give it coherence. This article intends to demonstrate how the set of Deleuze's philosophy confers an organicity and verisimilitude to his system of thought from the articulation between immanence, the event and the concept. This triad runs through all his work and will characterize what Deleuze calls heterogenesis; an attempt to make philosophy detach itself from the states of affairs and go towards intensities, taking thought to its limit and its maximum power. We want to demonstrate how Deleuze operates in his system in order to associate and create approximations between heterogeneous elements, sometimes creating zones of approximation, sometimes causing separations.

**KEYWORDS:** Deleuze; Philosophical system; Immanence; Event; Concept.

---

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Porto - Portugal.

Podemos definir um sistema como um conjunto de elementos independentes que formam um todo organizado. Num primeiro momento, atribuir ao pensamento de Gilles Deleuze um modo sistemático poderia causar surpresa, uma vez que as referências a Deleuze sempre aparecem relacionadas a um tipo de filosofia nômade, uma filosofia das linhas de fuga e da desterritorialização. Contudo, quando analisamos as obras de Deleuze fica patente o modo como nelas os elementos de um sistema se conectam, ou, mesmo quando considerados os diferentes conceitos, eles se compõem e se aliam com coerência conferindo uma organicidade ao seu sistema filosófico. O próprio Deleuze afirma, numa carta-prefácio a Jean-Clet Matin, crer na filosofia como um sistema, embora pense a noção de sistema para além das coordenadas do idêntico, do semelhante, do análogo.

Acredito na filosofia como sistema. É a noção de sistema que me despraz quando a entrelaçam às coordenadas do Idêntico, do Semelhante e do Análogo. É Leibniz, creio, quem primeiro identifica sistema e filosofia. No sentido em que ele o faz, eu adiro ...) Sinto-me um filósofo bem clássico. Para mim, o sistema não deve apenas estar em perpétua heterogeneidade, ele deve ser um heterogênese, o que jamais foi tentado, ao que me parece (DELEUZE, 2016, p. 383).

Podemos tomar a referida carta como ponto de partida para propor pensar o sistema filosófico deleuzeano a partir de uma espinha dorsal que permite articular suas partes díspares e que consiste em três noções: a noção de plano de imanência, a noção de acontecimento e a noção da filosofia como um processo de criação de conceitos. Vejamos como estas três noções se articulam, conferindo verosimilhança ao sistema filosófico deleuzeano e fazendo funcionar a sua heterogênese.

Talvez a melhor forma de começar a abordar o sentido assumido pela imanência no sistema deleuzeano seja justamente a partir de *A imanência: uma vida* (1995), seu último texto publicado em vida, onde se pode pressentir a radicalidade que esta noção assume depois de um longo percurso filosófico. Para Deleuze, a pura imanência não é a imanência de uma vida. A imanência é uma vida e nada além disso. “Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência, beatitude completas” (DELEUZE, 2016, p. 409). Tomar a imanência pela vida só fará sentido se ela for pensada a partir da ideia de um campo transcendental que se constitui a partir das intensidades que se implicam numa região profunda “em que nenhuma qualidade se desenvolve, em que nenhum extenso se desenrola” (DELEUZE, 1988, p. 384), puramente imanente, constituindo a partir daí um plano. É o plano de imanência que irá realizar um corte que permite conectar a dimensão virtual das potências díspares que agem no máximo de sua energia potencial com a dimensão atual, onde tais potências se relacionam em termos de qualidades e partes. O plano de imanência mantém a tensão que confere às atualizações individuadas a capacidade de um processo ininterrupto de produção do novo. Daí Deleuze afirmar que uma vida é feita de virtualidades que não param de se atualizar. O plano de imanência permite um movimento intensivo de potências díspares, bem como sua distribuição na forma de uma multiplicidade infinitamente redobrada na dinâmica de um jorro de uma imprevisível novidade, assim como concebido por Bergson como campo das condições imanentes da constituição da realidade.

O plano de imanência é como um corte no caos e age como um crivo. O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma a outra, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como esvanecente quando a outra desaparece como esboço (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 59).

Pensar o plano de imanência como aquilo que atravessa o campo transcendental ou o caos de todas as possibilidades é tomá-lo como um *continuum* intensivo que se precipita todo conteúdo virtual na realidade atual. Toda a filosofia de Deleuze procura dar conta do modo como o ser assume o seu poder criativo ao afirmar a diferença que não para de se atualizar no plano de imanência. Ao afirmar que a imanência é uma vida, Deleuze não se refere a uma vida individuada, suas determinações empíricas ou biológicas, mas de uma vida absolutamente imanente, impessoal e coextensiva ao plano de imanência. Uma vida feita de virtualidades, de acontecimentos que não param de atualizar singularidades pré-individuais que coexistem com os acidentes da vida individual. Vida tomada como uma impessoalidade de forças ingovernáveis que escapam do controle de qualquer forma e que age como gênese de toda a existência. Deleuze recorre ao romance de Dickens, *Our Mutual friend*, onde um canalha entre sua vida individual e a morte universal, passa a ser cuidado por pessoas que tentam salvá-lo e que desenvolvem um afeto por aquilo de uma vida que resta nele. Aos poucos ele vai melhorando e assumindo todos os aspectos de sua grosseria e maldade, o que faz as pessoas se afastarem. A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal que resgata um puro acontecimento que está liberado dos acidentes da vida interior e exterior, uma vida impessoal, porém singular e imanente.

O campo transcendental, campo problemático ou caos selvagem se apresenta como um conjunto de potências díspares coexistindo no máximo de sua energia potencial e a existir virtualmente como um nó de tendências que são as determinações que se esboçam e se apagam numa velocidade infinita. Deleuze dirá que esta realidade caótica, sob o ponto de vista psíquico, seria um universal aturdimento ou “o conjunto de todas as percepções possíveis como outros tantos infinitesimais ou infinitamente pequenos” (DELEUZE, 2009, p. 132), do qual o crivo extrairia diferenciais capazes de se integrarem em percepções reguladas. Esses diferenciais integrados seriam a virtualidade tornada consistente por um ato que se estende sobre o plano de imanência que corta o caos e que Deleuze irá chamar de acontecimento.

O acontecimento não é de maneira nenhuma o estado de coisas, ele se atualiza num estado de coisas, num corpo, num vivido, mas ele tem uma parte sombria e secreta que não para de se subtrair ou de se acrescentar a sua atualização: contrariamente ao estado de coisas, ele não começa ou acaba, mas ganhou ou guardou o movimento infinito ao qual da consistência. É o virtual que se distingue do atual, mas um virtual que não é mais caótico, tornado consistente sobre o plano de imanência que o arranca do caos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 202).

Essas potências caóticas são intensidades que atravessam o plano de imanência e compõem um campo de forças impessoal formado por singularidades que se distribuem sobre sua superfície. Só é possível capturar o sentido dessas singularidades quando o pensamento se coloca no interstício entre o virtual e o atual, entre as determinações singulares e o estado de coisas, local onde se traça o plano de imanência e onde o acontecimento efetiva essa passagem, conferindo consistência a essas determinações heterogêneas de velocidade infinita através dos conceitos. As potências díspares se atualizam tanto no estado de coisas quanto nos conceitos, mantendo a tensão do investimento da dimensão virtual e suas linhas de fuga na dimensão atual individuada num processo ininterrupto e interminável. É na ultrapassagem da dimensão virtual para a atual que se instala o acontecimento. Um entre-tempos povoados de intensidades que são variações de uma ordem infinita, cortadas pelo plano de imanência e atualizadas pelo acontecimento. “Quando o tempo passa e leva o instante, há sempre um entre-tempo para trazer o acontecimento” (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 204). O acontecimento é justamente aquilo que no plano de imanência funciona como um crivo no caos abrindo suas faces e engendrando as atualizações que

vão consistências às determinações pré-individuais, sendo o conjunto de singularidades que passam a se relacionar nas formas individuadas. Para Deleuze, “não se pode falar dos acontecimentos senão como singularidades que se desenrolam em um campo problemático e na vizinhança das quais se organizam as soluções” (DELEUZE, 1994, p. 59). O que caracteriza as determinações desse campo problemático é a coexistência de ordens heterogêneas, as quais o acontecimento, como um ato de solução, irá relacionar nas formas individuadas.

Deleuze concebe o plano de imanência como uma realidade com duas faces. Percorrido por intensidades, o plano de imanência irá dar consistência ao campo transcendental e suas determinações em velocidades infinitas. A consistência obtida pelo plano de imanência volta-se para cada uma de suas faces. Se por um lado ela distribui as intensidades que atravessam a natureza de todas as coisas constituídas num processo de atualização ininterrupta do estado de coisas, por outro ela faz apelo à criação de conceitos. O plano de imanência é percorrido por movimentos ilimitados sobre cada uma de suas faces, “[...] das quais uma é determinável como *Physis*, na medida em que dá matéria ao Ser, e a outra como *Noûs*, enquanto dá uma imagem ao pensamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 61). A filosofia de Deleuze tem como uma de suas principais tarefas criar uma nova imagem do pensamento e isso só será possível uma vez que a ela se encarregue de criar conceitos. Para Deleuze, a filosofia é um construtivismo operado sobre o plano de imanência, tido como horizonte que funciona como reservatório para a criação conceitual. Do encontro com o caos surge a filosofia. Em *O que é a filosofia?* (1992), Deleuze irá descrever o surgimento da filosofia, assim como o surgimento da ciência e da arte, a partir de um mergulho no caos. Se a ciência, a partir do encontro com o caos, produz funções e a arte produz perceptos, a filosofia produz conceitos. Como imagem de um pensamento que se move numa velocidade infinita, o conceito é tecido no plano de imanência como aquilo em cuja direção o pensamento se volta nas ordenadas intensivas de um movimento infinito. O conceito confere a consistência às determinações intensivas do pensamento. Se o acontecimento é o crivo que atravessa o caos, o conceito é criado a partir de variações surgidas do caos e re-encadeadas em suas zonas de indistinção, sendo o acontecimento que dá a consistência ao virtual do conceito. O caos pode ser definido como um conjunto de variabilidades infinitas cuja desaparecimento e aparição coincidem dada a velocidade infinita de suas determinações na forma de um oceano de dissemelhança. “Um conceito é um conjunto de variáveis inseparáveis que se produz ou se constrói sobre um plano de imanência, na medida em que este recorta a variabilidade caótica e lhe dá consistência (realidade)” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 267). Os conceitos exprimem aquilo que povoa o campo transcendental que se define não por sua indeterminação, mas sim como um sistema de relações diferenciais repartido em singularidades plenamente diferenciadas. O campo transcendental é um campo intensivo que implica uma distribuição em profundidades de diferenças de intensidade, intensidades puras envolvidas numa profundidade que Deleuze chama de *spatium intensivo*. Ao mesmo tempo que ele constitui um meio de individuação da natureza, ele se coloca como um meio de produção do pensamento a partir das faces do plano de imanência que o atravessa, relacionando as diferenças de intensidade e lhes dando consistência a partir de cada forma individuada. É a esse conjunto virtual de relações diferenciais destituídas de formas que o conceito irá dar consistência, desenvolvendo-os até o limite das diferenças de intensidade como um movimento do pensamento que percorre sem cessar o plano de imanência. Os conceitos capturam as potências díspares do campo transcendental, mantendo a tensão de uma coexistência que se dá no máximo de sua energia potência, quando todo o tipo de transformação é possível. O conceito se instala no nó de tendências virtual e retira dele o seu potencial criativo a partir do acontecimento produzindo no plano de imanência. É por conta disso que os conceitos dizem o acontecimento, e não ao estado de coisas, e neste ponto eles não se confundem com as proposições. Diferentemente delas, que se exprimem pela representação de um estado de coisas ao atribuírem

um predicado a um sujeito, os conceitos se formulam no acontecimento, produzindo sentido para as potências pré-individuais em sua existência virtual.

A heterogênesse a que se propõe o sistema filosófico deleuzeano não pode prescindir de uma imanência radical a partir da qual ele estabelece a relação entre uma dimensão pré-individual, povoada por potências díspares ainda não relacionadas, e uma dimensão atual implicada pelo estado de coisas em termos de suas qualidades e partes; uma só e imanente realidade composta por duas dimensões. É a partir daí que Deleuze dará sentido ao seu sistema de pensamento, que para ele não se define a partir de uma atividade contemplativa ou reflexiva, mas sim como uma atividade criativa. Para tanto, a filosofia deve pensar para além do estado de coisas, para fora dele e lidar com esse fora de modo imanente através do acontecimento, que é a condição de possibilidade da criação de conceitos. Esta tríade, imanência, acontecimento e criação de conceitos, irá dar sentido ao sistema filosófico deleuzeano, pois é sobre eles que Deleuze se apoiará para fornecer uma nova imagem ao pensamento. É a partir de uma imanência radical que comunica a dimensão virtual com o estado das formas atuais individuadas através do acontecimento que Deleuze investirá em criar conceitos capazes de capturar toda a potência que atravessa o estado de coisas, e que possam exprimir as intensidades que sustentam toda a realidade, onde o objeto do pensamento seja menos um objeto de um reconhecimento do que um objeto de descoberta. Numa realidade múltipla e sempre em transformação, cabe ao pensamento encontrar essa ultrapassagem que se dá num jorro de uma imprevisível novidade. Presidido por essa tensão essencial, o pensamento de Deleuze procurou encontrar uma nova imagem para o pensamento em filosofias nas quais ele procurou por esta potência, ora se apropriando de conceitos, ora criando, sempre no intuito de liberar as intensidades do campo transcendental. Por isso ele mesmo chama esta tarefa de *empirismo transcendental*, quando afirma que o campo transcendental deve ser experimentado de uma maneira que seja capaz de descobrir as multiplicidades que o povoam. Isso só seria possível se fosse mantida a tensão essencial entre o empírico e o transcendental, entre o estado de coisas e as potências díspares. Deleuze explica isso numa carta a Joseph Emmanuel Voeffray:

A ideia de um empirismo transcendental mantém, de uma parte, que há uma diferença de natureza entre o empírico e o transcendental e supõe de outra parte, que o próprio transcendental é experiência, experimentação; enfim, coloca uma imanência completa entre os dois (DELEUZE, 2018, p.90).

Deleuze afirma que noção alguma pode ser transposta do empírico para o transcendental, pois o campo transcendental é ocupado pelo acontecimento. Os conceitos concernem ao acontecimento e é necessário distinguir a parte que nele remete ao transcendental e aquela que remete à efetuação. Ou seja, é o plano de imanência que opera esse corte no campo transcendental e põe a comunicar a dimensão virtual com a dimensão atual no acontecimento como crivo que recolhe do caos as singularidades intensivas a partir do conceito e dá conta do processo de individuação a que está submetido, tanto a natureza, quanto o pensamento. “Para mim, o que mais conta é uma certa ideia de acontecimento, que finalmente faz da filosofia e da literatura uma só e mesma experimentação” (DELEUZE, 2018, p.92).

A filosofia de Deleuze se constitui enquanto uma experimentação que o leva a penetrar na filosofia de autores com os quais se alia, chegando por trás e fazendo neles filhos que nascem com os seus traços misturados a conceitos que são torcidos até o ponto de liberar singularidades. Esse é o papel dos conceitos, liberar intensidades do campo transcendental e atualizá-los sobre a superfície do plano de imanência. O plano de imanência é o horizonte de acontecimentos que agencia as potências que se efeturaram nos conceitos e no estado de coisas. O plano de imanência é, desta forma, a zona onde os indivíduos e os conceitos se instauram, efetuando as intensidades

do campo transcendental. Para Deleuze, a filosofia se inicia com a criação de conceitos. Assim, em relação a esta origem, o plano de imanência é pré-filosófico está pressuposto pela maneira como os conceitos remetem a uma compreensão não conceitual, uma vez que um conceito atualiza uma potência que se lança em todas as direções. Neste sentido, o pré-filosófico não significa nada que preexista, mas algo que não existe fora da filosofia. O plano de imanência é o fundo contra o qual o conceito se destaca e desta forma suas naturezas não se confundem. Deleuze irá descrever a relação entre os conceitos e o plano de imanência ao afirmar:

Mas, na realidade, os elementos do plano são traços diagramáticos, são movimentos do infinito, enquanto os conceitos são traços intensivos. Os primeiros são movimentos do infinito, enquanto os segundos são as ordenadas intensivas desses movimentos, como cortes originais ou posições diferenciais: movimentos finitos, cujo infinito só é de velocidade, e que constituem cada vez uma superfície ou um volume, um contorno irregular marcando uma parada no grau de proliferação. Os primeiros são direções absolutas de natureza fractal ao passo que os segundos são dimensões absolutas, superfícies ou volumes sempre fragmentários, definidos intensivamente (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 56).

Os conceitos como efetuações de um acontecimento que se efetiva num plano de imanência querem dar consistência ao caos sem nada perder do infinito. Assim a filosofia de Deleuze não pretende se estabelecer a partir da elaboração de proposições que pretendam garantir seu valor de verdade, mas sim a partir da criação de conceitos que efetivamente são criados num plano de imanência e conseguem preservar o movimento infinito do caos. O que o filósofo traz do caos, segundo Deleuze, são variáveis que permanecem infinitas e que traçam um plano de imanência onde serão re-encadeadas no conceito. Deleuze combina duas zonas distintas no plano de imanência, uma mais profunda, que seria estruturada como um conjunto qualquer, pura multiplicidade ou possibilidade em geral, e uma menos profunda, que seria recoberta de esquemas combinatórios desta multiplicidade; uma zona intensiva e uma zona extensiva; uma zona dos dinamismos espaço-temporais, que são agitações de espaços e buracos no tempo, puras sínteses de velocidades de direções e de ritmos, e uma zona das qualidades e partes que dependem de tais dinamismos ou de tais direções de desenvolvimento. O movimento do atual estado de coisas ao virtual se depara com uma infinidade de crivos superpostos desde os próprios sentidos até o último filtro para além do qual haveria o caos. Assim “o acontecimento é uma vibração com uma infinidade de harmônicos ou de submúltiplos, tal como uma onda sonora, uma onda luminosa, ou mesmo uma parte de espaço cada vez menor ao longo de uma duração cada vez menor” (DELEUZE, 2009, p. 133). Assim, é percorrendo essa infinidade de harmônicos que o pensamento através dos conceitos se caracteriza como verdadeiros encontros. Daí a caracterização da filosofia de Deleuze como um empirismo transcendental, um movimento que “apreende uma exterioridade bem mais radical que aquela, totalmente relativa, dos dados sensoriais [...] A questão é saber o que determina uma mutação do pensamento, e se é realmente dessa maneira que o pensamento efetua um encontro” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 63).

O movimento das formas individuadas ao campo transcendental coloca o pensamento diante de um campo de forças. O campo das forças é o campo transcendental que se lança sobre o pensamento e força-o a pensar como sua condição de possibilidade, nas quais o pensamento faz uma experiência e entra em conexão com aquilo que não depende dele. “É neste sentido que a atividade filosófica – formar conceitos – ocorre sempre no meio, e não é senhora do seu começo” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 74). Desta forma o plano de imanência é a superfície onde o pensamento cria conceitos e “onde nada está suposto de antemão, salvo a exterioridade, que recusa justamente todo pressuposto” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 75). O que temos são verdadeiros encontros que passam a relacionar as potências díspares nas formas individuadas.

Assim, o princípio genético que preside esses encontros se fundamenta na diferença e heterogeneidade de seus termos. Neste sentido, “as diferenças não se compõem de diferenças de mesma ordem, mas implicam séries de termos heterogêneos [...] Uma quantidade intensiva divide-se, mas não se divide sem mudar de natureza” (DELEUZE, 1988, p. 379). A natureza do campo transcendental é completamente diferenciada. Neste ponto, Deleuze apela para dois verbos no francês, *différentiation* e *différenciation*, que podem ser traduzidos por diferenciação e diferenciação. O campo transcendental seria povoado de determinações plenamente diferenciadas, onde a diferenciação determina o conteúdo virtual da ideia como problema. Já a diferenciação exprime a atualização desse virtual e a constituição das soluções dos problemas. É o plano de imanência que faz comunicar estas duas dimensões através dos conceitos criados na esteira do acontecimento. O virtual não é um segundo mundo, uma vez que ele não existe fora dos estados de coisas numa imanência radical que mantém a tensão entre naturezas diferentes, tratando-se de diferentes dimensões de um mesmo mundo. Acontecimentos que “brilham acima dos corpos misturados, acima de suas ações e paixões emaranhadas. Como um vapor da terra, desprendem na superfície um incorpóreo, um puro expresso das profundezas” (DELEUZE, 1997, p. 32), diferenças que compõe o clamor de um único Ser.

Deleuze afirma que a filosofia sempre se ocupou com conceitos e que fazer filosofia é sempre se ocupar de inventar ou criar conceitos. Contudo, os conceitos foram usados por muito tempo para determinar o que uma coisa é (essência). A filosofia de Deleuze, entretanto, procura dar conta das circunstâncias de uma coisa e por isso o conceito deve dizer o acontecimento e não mais a essência. Assim, o acontecimento expressa modos de individuação que já não são os de uma coisa, de uma pessoa ou de um sujeito, mas a individuação de uma hora do dia, de uma região, de um clima, de um rio ou de um vento. Esses acontecimentos são hecceidades, no sentido em que tudo ali é relação de movimento e de repouso. “Somos todos cinco horas da tarde, ou uma outra hora, e antes das horas ao mesmo tempo, a ótima e a péssima, meio-dia-meia-noite, mas distribuídas de maneira variável” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 50). O conceito de hecceidade, aqui, guarda relação com a forma como foi utilizada por Duns Scotto na confrontação com a ideia de São Tomas de Aquino, para quem as essências constituem universais que tornam inteligíveis os seres particulares. Duns Scotto afirmava que na realidade externa só existem coisas individuais, sendo a individuação a última realidade do ente, denominado por ele de hecceidade. Afirmar o acontecimento como uma hecceidade, para Deleuze, é conceder a ele um status de instância individual composta por relações que se dão sem qualquer unidade totalizante que remeta a uma ideia universal. Deleuze e Guattari irão afirmar:

Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de hecceidade. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data, têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 47).

Deleuze reconhece que em todos os seus livros buscou a natureza do acontecimento, uma vez que ele é “um conceito filosófico capaz de destruir o verbo ser e o atributo” (DELEUZE, 1992, p. 177). Existe, segundo Deleuze, um liame profundo entre o acontecimento e a vida. É esse o vitalismo de Deleuze que afirma uma potência de uma vida não orgânica imanente que atravessa todas as dimensões da realidade. Neste ponto, Deleuze se diz um vitalista na medida em que afirma que tudo o que escreveu era vitalista e constituía uma teoria do acontecimento. A partir do conjunto de singularidades que se prolongam uma nas outras, é o conceito que remete enquanto tal ao acontecimento que se efetua no plano de imanência. “É o que se passa num plano de imanência: multiplicidades o povoam, singularidades se conectam, processos ou devires se

desenvolvem, intensidades sobem ou descem” (DELEUZE, 1992, p. 183). Assim, criar conceitos é construir uma região do plano explorando novos encontros onde os conceitos sempre se renovam, uma vez que o plano de imanência se constrói de região em região compondo uma infinidade de harmônicos que vibram no entre-tempo de cada encontro. Este entre-tempos carrega o devir de um acontecimento que escapa da história, pois o que a história capta de um acontecimento é sua efetuação em estados de coisas. Para Deleuze, existe duas maneiras de considerar o acontecimento. Uma consiste em passar ao largo dele, recolhendo dele sua efetuação na história, e a outra consiste em instalar-se nele num devir, passando por todos os seus componentes ou singularidades. O acontecimento, para Deleuze, remete aos estoicos e seus efeitos incorporais que fazem passar uma linha de separação não mais do sensível e do inteligível, não mais entre a alma e o corpo, mas sim entre as coisas e os acontecimentos, como uma nova maneira de destituir o “é”, onde o atributo já não é uma qualidade relacionada a um sujeito, mas um verbo qualquer no infinitivo que sai do estado de coisas e o sobrevoa.

Cabe ao verbo ser, como uma tarefa original, remeter a um Eu, ao menos possível, que o sobrecodifica e o coloca na primeira pessoa do indicativo. Os infinitivos-devires, porém, não têm sujeito: remetem apenas a um "Ele" do acontecimento (chove), e se atribuem a estados de coisas que são misturas ou coletivos, agenciamentos, mesmo no mais alto ponto de sua singularidade (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 77).

Na introdução que escreveu para a edição italiana de *Lógica do sentido* (1969), Deleuze afirma que as noções ali permaneciam as mesmas de *Diferença e repetição* (1968): multiplicidade, singularidades, intensidade, acontecimentos, infinito, problemas, paradoxos e proporções. Na décima quinta e na décima sexta série de *Lógica do sentido*, Deleuze irá relacionar as singularidades anônimas, nômades, impessoais e pré-individuais ao campo do transcendental, onde figurariam a energia livre e não ligada que continuaria a percorrer os indivíduos quer fossem eles homens, plantas ou animais. Essa energia livre seria responsável pelo salto do indivíduo para fora do campo transcendental, sendo a primeira parte de sua gênese. Essa gênese já tinha sido descrita por Deleuze em *Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica* (1966) quando ele analisa o princípio de individuação como um princípio verdadeiramente genético e não simples princípio de reflexão, que levará a passagem do ser pré-individual ao indivíduo. A condição prévia para a individuação seria a existência de um sistema metaestável que se caracterizaria como uma diferença de potencial, diferença em si marcada por níveis díspares, ordens heterogêneas, que só mais tarde entrarão em comunicação no ser individuado. O ser pré-individual é singular sem ser individual. Segundo Simondon, o ser individuado é o ser já determinado em sua identidade que se afirma pela essência de cada coisa determinada como um indivíduo inteiramente constituído, seja ela “o átomo, partícula indivisível e eterna, a matéria-prima, ou a forma” (SIMONDON, 2020, p. 23), cada uma delas figurando como fase específica de um ser já individuado. Fora dessa unidade substancial, o que pode existir é uma incompatibilidade rica em potenciais, onde a diferença não se afirma enquanto oposição, mas a partir de uma diferença original que se determina por intermédio de um princípio de impermanência. Tal princípio imprime uma mobilidade primordial onde cada potência se afirma, como bem descreve Deleuze, no limite de sua velocidade infinita de nascimento e esvanecimento atuando em um campo intensivo. A caracterização dessa dimensão intensiva do ser por Deleuze, vinculando-a aos impulsos ou forças inextensas ainda não relacionadas nas formas ou a singularidades ainda não efetuidas, invoca o ser pré-individual de Simondon, em contraste com o ser já individuado que se refere e a dimensão das formas extensas onde já existem qualidades e partes. Esse duplo, em Deleuze, se relaciona ao duplo virtual/real. Teríamos então a virtualidade de um campo intensivo pré-individual face a atualidade de um

campo extenso individuado, onde o deslizamento entre estas duas dimensões é que destacaria a diferença como elemento genético que está no cerne de toda a sua filosofia.

Esse campo é intensivo, isto é, implica uma distribuição em profundidade de diferenças de intensidade. Ainda que a experiência nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recobertas por qualidades, devemos conceber, precisamente como condição da experiência, intensidade puras envolvidas uma profundidade, num *spatium* intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso. A profundidade é a potência do puro *spatium* intenso; a intensidade é tão somente a potência da diferença ou do desigual em si, e cada intensidade é já diferença do tipo E-E', em que E, por sua vez, remete a e-e' e e, a €-€' etc. Tal campo intensivo constitui um meio de individuação. Eis porque não basta lembrar que a individuação não opera nem por especificação prolongada (*species ínfima*), nem por composição ou divisão das partes (*pars ultima*). Não basta descobrir uma diferente de natureza entre a individuação, de um lado, e de outro, a especificação e a partição, pois a individuação é, ademais, a condição prévia sob a qual a especificação e a partição ou a composição operam no sistema. A individuação é intensiva e se encontra suposta por todas as qualidades e espécies, por todos os extensos e partes que vêm preencher ou desenvolver o sistema (DELEUZE, 2006, p. 132).

O sistema filosófico deleuzeano quer dar conta dos potenciais díspares que agem no campo transcendental, relacionando-os a partir do conceito no acontecimento que se dá sobre o plano de imanência enquanto uma hecceidade. Ele pretende alcançar a heterogeneidade de um campo metaestável através da ultrapassagem entre dimensões intensivas e extensivas, onde cada meio é a atualidade ou o desenvolvimento acabado de uma dimensão virtual. Este meio é preenchido por singularidades nômades que são diferenças de intensidades e a quem irão se referir os conceitos. As singularidades, neste sentido, são ao mesmo tempo pré-individuais e individuantes, pois elas são capturadas pelo crivo do acontecimento como uma membrana permeável por onde elas atravessam de um lado para o outro. Daí a força do sistema filosófico deleuzeano residir em sua capacidade de lidar, para além dos estados de coisas e das misturas no fundo dos corpos, com a potência incorporal dos acontecimentos no infinitivo e sua distribuição de singularidades; uma distribuição de diferenças que determina a atualização de forças inextensas como uma atividade criadora em relação aquilo que ela atualiza. É com base nessa confrontação entre uma dimensão virtual de um campo intensivo e uma dimensão atual de um campo preenchido por qualidades e partes que Deleuze irá dar sentido ao deslizamento entre essas duas dimensões.

Se é verdade que a qualificação e a partição constituem os dois aspectos da diferenciação, dir-se-á que a Ideia se atualiza por diferenciação. Para ela, atualizar-se é diferenciar-se. Nela mesma e na sua virtualidade, portanto, a Ideia é totalmente indiferenciada. Todavia, de modo algum ela é indeterminada. É preciso atribuir a maior importância à diferença das duas operações, diferença marcada pelo traço distintivo *ç/ci*: diferenciar e diferenciar. Nela mesma, a Ideia, ou a coisa em Ideia, de modo algum é diferenciada, pois lhe faltam as qualidades e as partes necessárias. Mas ela é plenamente e completamente diferenciada, pois dispõe de relações e singularidades que se atualizarão sem semelhança nas qualidades e partes. Então, parece que toda coisa tem como que duas “metades” ímpares, dissemelhantes e dissimétricas, sendo que cada uma dessas metades divide-se em duas: uma metade ideal, mergulhando no virtual, e constituída, ao mesmo tempo, por relações diferenciais e singularidades concomitantes; uma metade atual, constituída pelas qualidades que encarnam essas relações e, ao mesmo tempo, pelas partes que encarnam essas singularidades (DELEUZE, 2006, p. 136).

Se um sistema é toda uma organização que se pode adquirir a partir de partes independentes, o sistema filosófico deleuzeano possui uma peculiaridade que o faz um sistema a-

centrado e diferencial, que é a forma rizomática com a qual ele trabalha os seus conceitos. Um rizoma como uma raiz horizontal se caracteriza pela impossibilidade de definir os seus limites a ponto de poder separar uma planta que constitui essa rede e outra que também a integre, o tronco fundador e seus ramos e galhos nos quais se estendeu. Aquilo que circula num rizoma flui em toda e qualquer direção na qual ele se estende. Este é o modo como Deleuze opera em seu sistema de forma a associar e criar aproximações entre elementos mais ou menos heterogêneos, criando zonas de aproximação e de afastamento. A forma como ele elabora seus conceitos pode ser tida como um modelo de agenciamento onde a maquinaria filosófica interliga campos em suas pressuposições recíprocas e não em relações de oposição. Na composição de seu sistema filosófico, Deleuze se dedicou a mergulhar no caos e retirar dele a consistência para seu pensamento através de conceitos que dessem conta de agenciar os conteúdos e as expressões numa síntese disjuntiva que afirmaria um campo intensivo e a potência da diferença em si mesma, onde cada intensidade é já diferença do tipo E-E', em que E por sua vez, remete a e-e' e e, a € -€' etc. Deste modo, Deleuze contruiu seu sistema filosófico a partir da síntese disjuntiva entre acontecimentos, onde o que importa não diz respeito ao fato em que Sócrates é mortal, mas sim que Sócrates morre, em que a árvore é verde, mas sim que a árvore verdeja, em que já é manhã, mas sim que amanhece, de forma que cada acontecimento como hecceidade faz desprender do estado de coisas sua potência transitiva e de criação de novas realidades em suas infinitas transformações imanentes, onde prevalece o devir, as intensidades, as forças, as multiplicidades e a diferença. É justamente a partir desta premissa que se pode compreender em que consiste o sistema deleuzeano de pensamento e sobre qual procedimento lhe permite criar os seus conceitos, levando o pensamento a seu limite e a sua máxima potência ou limiar de intensidade.

## Referências

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed 34. 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva. 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras 2006.
- DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papyrus Editora. 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: Ed. 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia*. São Paulo: Ed 34. 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI. *Mil Platôs* VI. 4. São Paulo: Ed 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta. 1998.
- SIMMONDON, Gilbert. A individuação à luz das noções de forma e informação. São Paulo. Ed. 34, 2020.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Ed. 34, 2016.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** [Carlos Henrique Machado. petrus166@gmail.com](mailto:petrus166@gmail.com)